

Ensino de violão e pandemia: relato de experiência de uma ação de Extensão

Comunicação

Bruno Westermann
Universidade Estadual de Feira de Santana
brwestermann@gmail.com

Diogo Portugal
Universidade Estadual de Feira de Santana
diogoportugal96@gmail.com

Paulo Rodrigues
Universidade Estadual de Feira de Santana
paulobass159@gmail.com

Resumo: Este texto apresenta um relato de experiência do processo de adaptação da ação de Extensão Oficina de Iniciação ao Violão ao formato online. Originalmente ofertada no formato presencial e utilizando o ensino coletivo como paradigma metodológico, foi necessário adaptar o trabalho em função do distanciamento social provocado pela pandemia da COVID-19. O relato contempla as discussões realizadas sobre o formato adotado dessa adaptação, a metodologia utilizada, a avaliação por parte dos estudantes e as dificuldades encontradas. Ao final, apresentamos uma breve discussão baseada na Teoria Ator-Rede (LATOURET, 2012; LEMOS, 2013), buscando levantar questionamentos e perspectivas futuras para o ensino de instrumentos a partir da pandemia. Dentre outros questionamentos, apontamos para a importância da Universidade investir em uma maior presença no ambiente digital.

Palavras-chave: ensino de instrumentos, ensino de violão, ensino online.

Introdução

A Oficina de Iniciação ao Violão integra o Programa de Extensão em Violão e Cordas Dedilhadas da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). É uma atividade corrente do Programa desde o ano de 2016 e, de lá pra cá, alternam-se ingressos semestrais ou anuais de turmas novas, dependendo do calendário letivo e da equipe disponível. Como o próprio nome já diz, a Oficina tem como objetivo proporcionar o acesso à formação de base em violão, em nível iniciante, para a comunidade. As aulas são coletivas, com turmas de até 15 estudantes e acontecem nas dependências do campus da UEFS, uma vez por semana.

O ano de 2020 na Extensão vinha ocorrendo conforme o planejado. Ao longo do mês de fevereiro foram feitas reuniões de planejamento e, já no final deste mês, foi realizado o processo de inscrição de novas turmas, com o início das aulas previsto para o mês seguinte. No dia 10 de março ocorreram as primeiras aulas do ano, tanto das turmas antigas quanto das turmas novas. No entanto, em função do quadro de pandemia da COVID-19, aquela foi a última semana de atividades letivas presenciais no campus da Universidade antes do período de distanciamento social. No dia 17 de março foi publicado o Decreto nº 19.529, que “Regulamenta, no Estado da Bahia, as medidas temporárias para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus”. Neste decreto, foram suspensas as atividades letivas em diversos municípios do Estado que já tinham casos confirmados da doença, incluindo Feira de Santana, onde fica o campus da Universidade. Na sequência, a Reitoria da UEFS publicou no dia 18 de março seu Plano de Contingenciamento, reforçando as medidas de distanciamento e a suspensão das atividades presenciais no campus.

Diante da impossibilidade de realização das aulas, a pergunta que surgiu foi: como fazer a partir de agora?

Este relato de experiência apresenta o processo de adaptação das atividades de ensino da Oficina de Iniciação ao Violão, de aulas coletivas presenciais para a produção de material didático online. O relato está estruturado em duas partes, além desta introdução. No trecho central desse trabalho, Relato de Experiência, falaremos do processo em si, desde as primeiras reuniões de planejamento até as atividades realizadas pouco tempo antes da finalização deste texto. No trecho seguinte faremos uma discussão teórica que propõe maneiras de investigar e compreender o fenômeno atual, além de apresentar perguntas que podem nortear tanto práticas de ensino de música quanto investigações sobre o ensino de música em função da pandemia.

Relato de Experiência

Formato das atividades

As reuniões de planejamento (coordenação do Programa de Extensão e bolsistas)

aconteciam semanalmente e como todos os membros da equipe dispunham de conexão internet satisfatória, foi possível mantê-las no formato online. No entanto, aqui temos nossa primeira ressalva. Mesmo tendo acesso a internet satisfatória, a conexão da equipe não era suficiente para realizar as reuniões com vídeo. Assim, foi adotado o padrão de reuniões em plataforma utilizando apenas áudio. Pode parecer um detalhe, mas é importante não tratarmos a conexão de internet no Brasil como algo dado, já que ainda somos um país no qual o acesso a este serviço é bastante desigual, o que gera consequências neste momento de pandemia, notadamente no campo da educação¹.

No momento em que foram interrompidas as atividades na Universidade, o semestre letivo 2019/2 estava próximo de seu fim, o que motivou a Reitoria a adotar as atividades remotas mediadas por tecnologias como a solução para que, pelo menos, fosse possível encerrar o semestre. A decisão sobre a continuidade de atividades no formato remoto foi bastante controversa na nossa Universidade, por isso a manutenção das atividades da Oficina de Iniciação ao Violão no formato remoto precisou ser discutida entre a equipe e amadurecida. A manutenção das atividades e sua transposição para o formato online envolveu diversos aspectos. Mesmo não sendo profissionais de campos diretamente ligados ao combate à pandemia, entendemos que nossa atuação poderia ser importante, pela oferta de atividades educativas e de lazer depois de uma mudança brusca nas nossas rotinas. Some-se a isso o fato de sermos uma Universidade pública, que tem responsabilidades éticas com a população.

Houve ainda uma discussão pragmática relacionada aos compromissos dos dois bolsistas. Ambos recebiam bolsa por um plano de trabalho que não poderia ser cumprido tal como planejado, então nos pareceu mais lógico adaptar o plano e realizar algum tipo de atividade. Mais pra frente, será possível identificar também que esta alteração do plano de trabalho trouxe benefícios, uma vez que ambos desenvolveram novos saberes relacionados à produção de videoaulas. Assim, feitas as ponderações, a equipe optou por dar continuidade ao trabalho adaptando-o a um novo modelo.

¹ Para maiores informações sobre o assunto, consultar as pesquisas sobre internet promovidas pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC) em cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/.

Sobre o modelo a ser adotado na continuidade do trabalho, aventou-se a possibilidade de manter estrutura similar ao trabalho presencial, com aulas síncronas - todos os estudantes conectados em uma mesma sala virtual - utilizando plataformas gratuitas de videoconferência. No entanto, essa opção foi descartada e optamos pela produção de videoaulas e materiais didáticos de outras naturezas, que seriam disponibilizados aos estudantes via grupos de WhatsApp ou postados no YouTube. A opção por essa alternativa se justifica por diversos fatores, e nenhum deles entra num julgamento simples de "melhor ou pior". A estratégia adotada foi aquela que nos pareceu a mais adequada à circunstância. Primeiro, porque esta é uma prática recorrente no ensino de música via internet. Além de portais que oferecem videoaulas gratuitamente (sendo o mais famoso o CifraClub), há na atualidade diversos portais pagos que oferecem conteúdos neste formato: o aluno paga pelo acesso a um material de base produzido previamente e que orienta seu estudo, e conta com espaços para interação com professores, por escrito ou audiovisual. Outro motivo tem relação com o tema do Trabalho de Conclusão de Curso de um dos bolsistas, que tem estudado as estruturas de videoaulas gratuitas disponíveis na internet. Assim, entendemos que este formato seria mais familiar para a equipe de trabalho e, de certa maneira, seria um espaço para a aplicação prática daquilo que estava sendo estudado por um de seus integrantes.

Naquele momento, não tínhamos conhecimento das condições de acesso à internet dos estudantes da Oficina, e não haveria tempo hábil para uma coleta de dados nesse sentido. Este foi mais um motivo para a adoção de um formato assíncrono das aulas de instrumento. Entendemos que uma aula no formato de videoconferência demandaria uma infraestrutura maior dos estudantes, o que poderia trazer prejuízos ao seu aproveitamento. Já o formato de aulas postadas em uma plataforma nos pareceu mais inclusivo, pois permite circunstâncias de acesso mais variadas. As aulas poderiam ser assistidas com diferentes dispositivos, nos horários mais convenientes e adequados. Por último, a ideia de produzir conteúdo para ser veiculado via plataformas de audiovisual já era um projeto antigo da Coordenação do Programa, que não fora colocado em prática. Nesse sentido, a pandemia nos pareceu uma oportunidade de iniciarmos este trabalho, mesmo em condições distantes do ideal. As aulas postadas em ambiente virtual tem potencial de atender maior quantidade

de pessoas, não estão limitadas a questões geográficas ou de locomoção até a Universidade, além de aumentarem o alcance da Extensão na sociedade. Considerando a importância da Extensão na intermediação de um conhecimento que muitas vezes é restrito aos muros da universidade, nos parece que a utilização do ambiente virtual como lugar de ação cria mais um espaço de diálogo com a comunidade externa. Como perspectiva futura, esta situação poderá trazer frutos positivos, pois a Extensão conseguirá alcançar um público que jamais tinha alcançado antes, de maneira presencial.

Metodologia

Desde o ano de 2019, a Oficina de Iniciação ao Violão vem trabalhando na perspectiva da utilização de turmas mistas, que não são divididas em função do nível técnico e musical dos estudantes no instrumento. Assim, todo o repertório abordado – em sua maioria canções para serem acompanhadas no instrumento – é trabalhado a partir de níveis de dificuldades distintos. Uma mesma canção pode ser acompanhada utilizando linhas melódicas simples ou solos complexos, harmonias com maior ou menor densidade de acordes e levadas rítmicas de complexidade variada. Na produção de videoaulas para o formato remoto, o princípio de abordar uma mesma música com níveis de dificuldades diferentes se manteve, mas o trabalho foi realizado por vídeo. Foram produzidos vídeos com exercícios, batidas de mão direita, acordes e solos, para guiarem a prática de estudos.

Apresentaremos como exemplo o material produzido para a canção Me Namora, composta por Edu Ribeiro. Num primeiro momento, foi compartilhada com os estudantes uma videoaula com uma sugestão de ritmo acompanhamento para reggae². A ideia foi criar um vídeo que fosse utilizado para essa canção, mas que pudesse ser reaproveitado em outros momentos. Junto com este vídeo, foi compartilhado outro, no qual eram abordados os acordes da canção e a junção das levadas com os acordes³. Na semana seguinte, foram compartilhados outros três vídeos: um vídeo contendo uma melodia simples de

² <https://youtu.be/u2V1M5CQvug>

³ <https://youtu.be/bhFz4ZwaGeE>

acompanhamento⁴; um vídeo com um solo de violão de nível intermediário⁵ e outro vídeo com uma linha de baixo⁶, que poderia ser tocada tanto no violão quanto em um contrabaixo.

Os cinco vídeos foram compartilhados com os estudantes, enviando os links para os vídeos em grupos de Whatsapp. Foram compartilhados com mensagens de motivação, bem como orientações sobre sua utilização para estudo e escolha pelo conteúdo mais adequado para cada pessoa. Além disso, foi agendado um encontro síncrono que seria opcional, para tirar dúvidas daqueles que tivessem interesse em participar. Ao final do processo, foi solicitado que cada estudante fizesse uma gravação tocando aquilo que havia conseguido estudar e foi produzido um vídeo com a performance daquelas pessoas que se interessaram em participar.

A descrição acima apresenta também outra característica da adaptação deste trabalho, que foi a abordagem por ciclos. Foi definido que em cada ciclo seria abordada uma canção (por intermédio da disponibilização de seus materiais), seriam promovidas atividades de interação com os estudantes, bem como atividades de performance e avaliação. Ao longo do período, foi possível consolidar essa estrutura de abordagem, mas muitas mudanças foram necessárias, notadamente no que dizia respeito à interação com os estudantes.

Avaliação

Após dois meses de trabalho, foi solicitado aos estudantes que respondessem a um questionário, que serviu como instrumento tanto para que a equipe compreendesse a maneira como os vídeos vinham sendo utilizados, quanto para a avaliação do nosso trabalho até aquele momento. O questionário foi enviado para as 42 pessoas com vínculo ativo à Oficina no início do período de distanciamento social, e foi respondido por 13 pessoas.

A discussão dos dados deste questionário não é o objetivo principal deste texto, por isso apresentaremos aqui apenas algumas das perguntas e respostas obtidas. Cada um dos gráficos abaixo representa uma pergunta e suas respostas, seguidas de considerações.

⁴ <https://youtu.be/dfpV6DAYpLo>

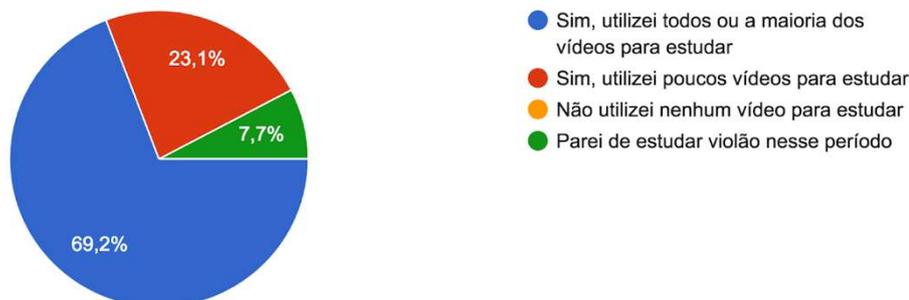
⁵ <https://youtu.be/qTR2xsuCtq0>

⁶ <https://youtu.be/cJaqmH6wTnw>

Gráfico 1: Pergunta 01

Desde que o período de isolamento social começou, você utilizou os vídeos enviados pela equipe para estudar violão?

13 respostas



Fonte: os autores

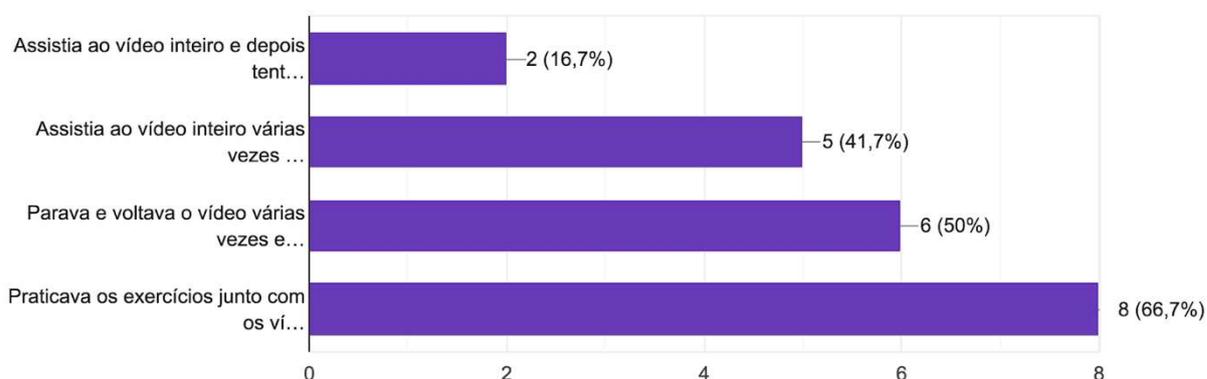
Dentre os estudantes que se mantiveram estudando, podemos dizer que a grande maioria utilizou os vídeos (seja total ou parcialmente), o que foi considerada uma resposta positiva. No entanto, este é um bom ponto para comentarmos sobre a grande evasão de estudantes. O número de respostas ao questionário (13) foi o número aproximado de estudantes que participaram das videoconferências e daqueles que seguiram interagindo com a equipe via grupos de Whatsapp. Ou seja, a grande maioria abandonou suas atividades e permaneceu em silêncio durante todo o processo. Está no horizonte desta equipe entrar em contato com aqueles que não responderam aos questionários e tentar compreender o motivo de sua evasão ou desistência. Considerando que tudo aconteceu dentro de um período de pandemia, é de se considerar a excepcionalidade desta situação para a realização de uma análise com propriedade.

Sobre essa pergunta, a única pessoa que indicou que havia parado de estudar neste período justificou com a mensagem “Faltou motivação. Não foi falta de tempo, mas também não fiquei parado. Fui fazer outras coisas” (sic). Tal resposta reforça a necessidade de realizar mais atividades de investigação sobre a evasão dos estudantes.

Gráfico 2: Pergunta 02

Marque a(s) opção(ões) que representam a maneira como você usou os vídeos para estudar:

12 respostas



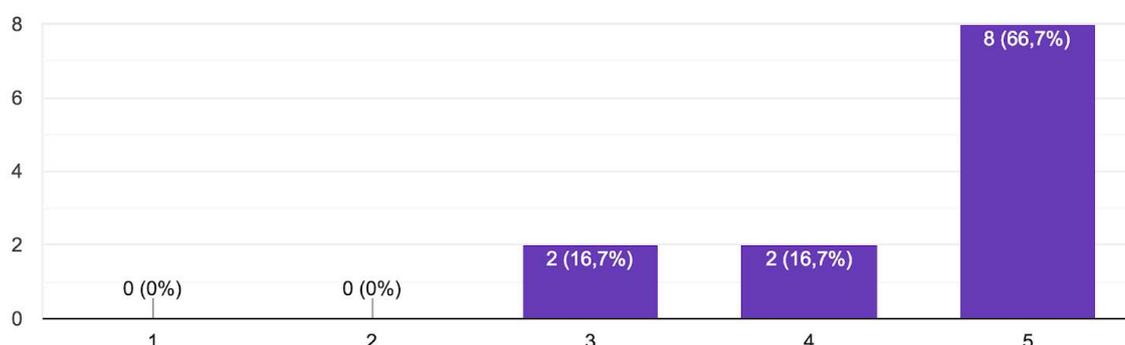
Fonte: os autores

Na pergunta acima, cuja resposta possibilitava a escolha de múltiplas alternativas, foi possível compreender um pouco melhor como os estudantes utilizavam os vídeos no estudo. A maior parte deles indicou que “Praticava os exercícios junto com os vídeos”, seguido de “Parava e voltava o vídeo várias vezes enquanto estudava, para rever explicações” e “Assistia ao vídeo inteiro várias vezes enquanto estudava”. Apenas duas pessoas marcaram a opção “Assistia ao vídeo inteiro e depois tentava tocar, sem assistir novamente”. O comportamento da pessoa que estuda por intermédio do vídeo é sempre um ponto muito importante do planejamento. No entanto, nossa prioridade foi produzir vídeos com explicações sobre como executar determinados trechos e também como estudá-los, e não apenas demonstrações do que fazer, especialmente nos vídeos dedicados aos estudantes iniciantes. Além disso, procuramos produzir vídeos com espaços em que os estudantes pudessem tocar junto com a pessoa do vídeo, como estratégia de estudo e também como uma maneira de emular a execução em grupo. Consideramos as respostas positivas, uma vez que reforçam esta utilização por parte dos estudantes.

Gráfico 3: Pergunta 03

Você considerou adequada a maneira como os conteúdos foram abordados?

12 respostas



Fonte: os autores

A seguir, foram feitas na sequência seis perguntas sobre a adequação de itens específicos das videoaulas – tamanho dos vídeos, abordagem dos conteúdos, velocidade nas explicações, qualidade do áudio e do vídeo, enquadramentos de câmera. As perguntas eram do tipo escala linear, sendo 1 - "totalmente inadequado" e 5 - "totalmente adequado". As respostas foram positivas, ficando todas entre os números 4 e 5 em todos os itens, exceto o item acima, referente à maneira como os conteúdos foram abordados. Por mais que nesta resposta ainda predominem as respostas positivas, o fato de ter sido a exceção merece alguma atenção por parte da equipe.

Dificuldades encontradas

Foram muitas as dificuldades encontradas pela equipe neste processo de adaptação da atividade para o formato online. No entanto, vamos desenvolver a seguir apenas duas delas, aquelas consideradas as principais: falta de infraestrutura para produção dos vídeos e dificuldades de comunicação com estudantes.

Os três membros da equipe (dois bolsistas e o coordenador) possuíam conhecimentos prévios relacionados ao uso de recursos digitais e sua utilização como ferramenta didática, o que certamente facilitou o processo de adaptação para a situação

que se apresentou. No entanto, pelas características da situação – principalmente o fato de ter sido imposta repentinamente – toda a produção dependeu exclusivamente dos recursos pessoais de cada integrante. A produção de vídeos com frequência média semanal demonstrou que estes recursos eram insuficientes para a realização de um trabalho de maior qualidade e, principalmente, de maneira otimizada e nos tempos adequados. Assim, foi preciso muita maleabilidade para lidar com câmeras de baixa resolução, computadores com capacidade de processamento limitada, internet de baixa velocidade, além das condições domésticas inadequadas para a gravação de vídeos (iluminação e cenário inadequados, ambientes com muito barulho externo). Ainda assim, foi possível produzir material de boa qualidade, que cumpriu com os objetivos propostos, graças à criatividade dos envolvidos e ao trabalho colaborativo. Foi possível, tanto por parte dos bolsistas quanto do próprio orientador, desenvolver novas habilidades para resolver os problemas que se colocavam. Para o futuro que se avizinha, que parece ter na internet uma forte aliada da educação, é importante refletir sobre as condições de trabalho (tanto de professores quanto de bolsistas) para a realização de suas atividades. Para que, de fato, os recursos digitais possam ser incorporados aos processos institucionais de ensino, nos parece inadequado colocar a responsabilidade da infraestrutura nos indivíduos.

Também devido às mudanças repentinas de rotina, conforme mencionado antes, houve queda no engajamento dos estudantes e, conseqüentemente, no seu desempenho. E isso se manifestou principalmente na comunicação da equipe com os estudantes. Mesmo com grupos de Whatsapp ativos e com muitos participantes, a comunicação não se mostrou efetiva. Muitos alunos perderam o engajamento com as atividades e não se manifestaram mais. Algumas estratégias de comunicação foram adotadas, como maior intensidade de mensagens e de estímulo à interação nos grupos (inclusive com vídeos de suas performances para serem comentadas pelos professores) e também a realização de videoconferência para tirar dúvidas e motivá-los. No entanto, estas ações se mostraram parcialmente efetivas. Como já mencionado antes, este tipo de situação carece de maior investigação sobre seus motivos, mas acreditamos que as principais dificuldades encontradas no período estão relacionadas ao isolamento social e à mudança brusca na rotina de todos, que pode ter gerado instabilidade (em vários sentidos) e falta de motivação. Estratégias já vem sendo

discutidas para adequar o trabalho aos tempos atuais e às perspectivas futuras, e esperamos poder implementar novas diretrizes de trabalho no futuro.

Discussão teórica e perspectivas

A tese de doutorado do coordenador deste Programa de Extensão e coautor deste relato (WESTERMANN, 2017) analisou um caso de ensino de música mediado por tecnologias digitais utilizando como referencial teórico a Teoria Ator-Rede (LATOURET, 2012; LEMOS, 2013) e suas implicações na educação (FENWICK; EDWARDS, 2010). A partir desse paradigma teórico, podemos analisar qualquer situação de ensino como uma rede, na qual os nós são os seus agentes – humanos ou não – e as conexões são as ações envolvidas nos processos de ensino. No caso relatado por este texto, a rede que emergia da Oficina de Iniciação ao Violão era formada pelos estudantes, professores (que também eram bolsistas), o coordenador do Programa de Extensão e orientador dos bolsistas, os violões, as dependências da Universidade, dentre outros.

Por força das circunstâncias, o coronavírus tornou-se mais um agente dessa rede. E esse agente, de uma hora para outra, não só foi incorporado pela rede como forçou uma mudança completa na sua configuração. De uma semana para outra – literalmente – as dependências da Universidade deixaram de pertencer a essa rede (e não se sabe ainda até quando) e novos agentes entraram em cena como consequência do vírus: computadores, celulares, internet, os espaços físicos domésticos, redes sociais e plataformas online. Esse processo de reconfiguração de uma rede a partir de algum fato ou agente novo é o que dentro da Teoria Ator-Rede é chamado de *controvérsia*: o momento em que a rede torna-se instável e todo o período de instabilidade até a emergência de uma nova configuração.

Evidentemente, ainda é cedo para descrever certezas sobre o que irá resultar deste processo. Mas baseado no relato exposto e no paradigma teórico apresentado aqui, nossa proposta é compreender o que mudou do período anterior à pandemia para cá e como isso se relaciona com nossas perspectivas futuras. Mesmo que a resposta seja provisória, é pertinente tentarmos responder à pergunta: quais são os novos agentes dessa rede?

Como já mencionado, a mais evidente mudança diz respeito ao espaço físico. Sai o

campus da Universidade e o auditório onde as aulas aconteciam, entram as casas das pessoas envolvidas e, principalmente, entram os ambientes virtuais. O Whatsapp, que antes era uma ferramenta periférica de comunicação, torna-se a mais recorrente (e quase exclusiva) forma de comunicação entre professores e estudantes. E quais as consequências disso? Como estudantes percebem este tipo de mudança? E considerando que haviam procurado por uma aula presencial, como recebem essa alteração?

As aulas, que antes eram um evento que ocorria semanalmente na Universidade, agora são um vídeo gravado, editado e postado no YouTube. Como se dá o processo de estudo de violão nessas circunstâncias? Por mais que já haja estudos no campo da Educação Musical que abordam o ensino via internet, acreditamos que as circunstâncias da pandemia são uma novidade. No nosso caso, há um perfil recorrente de estudantes em torno dos 60 anos de idade, que não necessariamente possuem familiaridade com as plataformas enquanto referência principal de estudos. Como estas pessoas, especificamente, estão lidando com esse novo modelo de estudos?

De nossa parte, enquanto equipe que promoveu este trabalho, podemos dizer que as mudanças provocadas pela pandemia vão em dois sentidos. Por um lado, nós tivemos que discutir e promover as mudanças na metodologia, na comunicação com estudantes e outros elementos. Por outro lado, nós também mudamos. Foi necessário desenvolver novas habilidades, incorporar ao saber docente a produção de roteiros, gravação e edição de vídeo, manejo e utilização das plataformas de conteúdo. Seriam essas novas demandas de formação para o professor? Se sim, quais as consequências disso?

É importante discutirmos este tópico com atenção. Estas habilidades já eram consideradas necessárias para o professor do século XXI, já que os processos de digitalização e plataformização da educação (KENSKI, 2009; VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018) já são um fenômeno recorrente. No entanto, a pandemia pode acelerar estes processos e, talvez, imponha esse tipo de circunstâncias a todos nós, profissionais da educação, inclusive aqueles que sempre se mostraram mais reticentes a incorporação de tecnologias digitais. Neste ponto, abre-se uma janela de discussão muito ampla sobre vários aspectos: como será a formação de professores daqui pra frente? Como será a carreira docente no futuro? Como as instituições de ensino (de todos os âmbitos) vão lidar com este fenômeno novo? E quais

serão as políticas públicas de educação daqui pra frente, considerando esta nova realidade?

Finalizando, é importante pensar que os processos de ensino na internet não são um evento isolado. Eles são frutos da cultura digital, a mesma que nos permite realizar um congresso online, que nos permite conversar com nossos parentes por videochamadas ou aplicativos de mensagens instantâneas. Infelizmente, é a mesma cultura digital que promoveu a disseminação de discursos de ódio, *fake news* e pseudociência. Por este motivo, é importante que a Universidade se preocupe em ocupar o espaço digital e que aproveite a oportunidade para discutir sua presença virtual como forma de combate a este tipo de mal que já vem se mostrando tão nocivo para boa parte do mundo.

Referências

FENWICK, Tara; EDWARDS, Richard. *Actor-network theory and education*. New York: Routledge, 2010.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. São Paulo: Papirus, 2009.

LATOIR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador - Bauru: Edufba - Edusc, 2012.

LEMOS, André. *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; WAAL, Martijn de. *The Platform Society: public values in a connective world*. New York: Oxford University Press, 2018.

WESTERMANN, Bruno. *As coisas e o ensino de violão: relação entre tecnologias digitais e características do ensino do instrumento no contexto da educação a distância*. 227 f. 2017. Tese (Doutorado) – Escola de Música, Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.